

AS POSIÇÕES POLÍTICAS DE JEAN-PAUL SARTRE E O TERCEIRO MUNDO (1947-1979)

L'ENGAGEMENT POLITIQUE DE JEAN-PAUL SARTRE ET LE TIERS MONDE (1947-1979)

Rodrigo Davi Almeida*

A Tese de Doutorado, defendida em fevereiro de 2010, pela Universidade Estadual Paulista, sob a orientação do Dr. Carlos Eduardo Jordão Machado, investiga as posições políticas de Jean-Paul Sartre relacionadas ao Terceiro Mundo entre 1947 e 1979. A investigação tem dois objetivos fundamentais: o primeiro, estabelecer as relações possíveis entre o contexto histórico – o mundo pós-guerra, as guerras de descolonização, a emergência dos países do Terceiro Mundo e o cenário político-intelectual francês – e a trajetória de Sartre; e o segundo, analisar, por meio das fontes documentais, os problemas que o Terceiro Mundo – a Guerra da Argélia (1954-1962), a Revolução Cubana (1959) e a Guerra do Vietnã (1946-1975) – coloca às posições políticas de Sartre.

Algumas questões preliminares animaram a pesquisa: de que modo o conceito-chave da filosofia existencial de Sartre, a liberdade, figura ao lado do engajamento do intelectual, na sua situação histórica concreta, sobretudo, já na sua “fase marxista”? Como relacionar o engajamento político de Sartre aos problemas colocados pelo Terceiro Mundo e situá-los na sua complexa trajetória? Há uma relação efetiva entre a adesão de Sartre ao marxismo “como filosofia insuperável” e suas posições políticas sobre o Terceiro Mundo? Qual a contribuição específica de Sartre à crítica do colonialismo? É possível uma ação revolucionária fora do Partido Comunista como quer Sartre? Sartre tornou-se o “novo intelectual” fundido às massas? Em suma, qual o “lugar” e a importância do Terceiro Mundo na trajetória de Sartre?

A pesquisa empírica foi o fio condutor de trabalho. Por isso, na *Bibliothèque Nationale de France* – site François Mitterrand/Paris, foram investigados os periódicos (jornais e revistas) franceses das décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970 relacionados às posições políticas de Sartre sobre o Terceiro Mundo, especialmente, sobre Cuba, a Argélia e o Vietnã.

Para a consecução dos objetivos globais propostos, partiu-se de uma hipótese geral de trabalho: há uma *conexão tangível* entre o contexto histórico – o mundo do pós-guerra, as guerras de descolonização e a emergência dos países do Terceiro Mundo, o cenário político-intelectual francês – e a trajetória de Sartre. Na realidade, a elucidação dessa *conexão* entre a História e trajetória de Sartre foi chave para o desenvolvimento da pesquisa. Isto exigiu considerar um problema importante: por que em determinado momento de sua trajetória Sartre passa se interessar pelos problemas econômicos, sociais e

políticos do Terceiro Mundo? A resposta considera, portanto, a *compreensão e a explicação* da evolução das posições políticas de Sartre tendo em vista o seu fundamento histórico e social. Isso implica, por um lado, em evidenciar a estrutura significativa imanente ao objeto estudado (*compreensão*), e inserir essa estrutura, enquanto elemento constitutivo e funcional, em uma estrutura imediatamente globalizante (*explicação*). Por outro lado, deve-se considerar adequadamente a relação entre um escritor e sua época e o impacto dos eventos históricos e das transformações sociais em sua trajetória intelectual.

Tendo em vista esta hipótese geral de trabalho, algumas hipóteses mais específicas foram estabelecidas e desenvolvidas ao longo dos capítulos da Tese: 1. Certos acontecimentos da história do Terceiro Mundo – a Guerra da Argélia, a Revolução Cubana e a Guerra do Vietnã – *radicalizam as posições políticas* de Sartre. A partir da série dos novos problemas engendrados pelas emergências histórica e político-ideológica do Terceiro Mundo nas (pre)ocupações de Sartre é que ele desenvolve análises políticas (de uma atualidade impressionante) acerca dos problemas do colonialismo, da tortura, do racismo, da corrupção, da ideologia revolucionária, do socialismo e da definição de intelectual e de sua função social; 2. As análises políticas de Sartre sobre o Terceiro Mundo são *tributárias do marxismo* e do seu método correspondente, o dialético. Portanto, não são e nem poderiam ser tributárias de sua filosofia da liberdade e do seu correspondente método fenomenológico. Sob “o impacto da História”, Sartre se propõe às novas tarefas políticas, o que exige novas questões à realidade e, conseqüentemente, um método adequado à interpretação e resolução dessas tarefas, portanto, no horizonte do marxismo enquanto “filosofia insuperável”, como ele pensa. No entanto, em algumas questões pontuais, como na análise da resistência à tortura, suas concepções “existencialistas” permanecem; 3. As posições políticas de Sartre sobre o Terceiro Mundo expressam a necessidade de *intervenção* que, historicamente, certos intelectuais sentem em relação aos embates concretos com os homens das sociedades em que vivem. Nessa esteira, Sartre participa com os operários, os imigrantes, os intelectuais, os comunistas, os estudantes, na França e em vários países, de debates, conferências, assinatura de manifestos, petições, tribunais populares, passeatas, *meetings* contra as guerras coloniais, contra o genocídio e a tortura dos colonizados. A intervenção de Sartre se dá diretamente, seja nas portas das fábricas, nos debates organizados na *Mutualité*, na *Sorbonne*, na rua, nos comitês dos trabalhadores, ou na direção de jornais que “dão a palavra ao povo” (*La Parole au Peuple* e *La Cause du Peuple*). Em outras palavras, a intervenção de Sartre não é mediada por nenhuma instituição política, o que não exclui o seu “necessário e impossível” diálogo com os comunistas. A exceção são as atividades por ele desenvolvidas no Tribunal Russell. O tipo de intervenção levado a cabo por Sartre tem claramente um caráter “didático” em que a exposição de suas idéias são mais claras, mais objetivas e visam “convencer” as

massas (o proletariado, a pequena burguesia), ao contrário, por exemplo, de seus textos filosóficos e/ou políticos sobre o marxismo. Isso não quer dizer que suas análises sejam superficiais ou levianas e nem que desconsiderem a complexidade e as contradições da realidade; 4. Sartre (com Frantz Fanon, Patrice Lumumba e muitos outros) foi o *divulgador* do *terceiro-mundismo*, tendo contribuído para a criação, na França, do *terceiro-mundismo* da juventude intelectual revolucionária; 5. Por fim, pode-se dizer que Sartre foi um *intelectual revolucionário*, engajado na *transformação* da sociedade capitalista, um partidário radical da revolução socialista que instaurasse, efetivamente, a liberdade entre os homens. Portanto, Sartre se inclui na tradição dos intelectuais revolucionários de Marx a Lukács.

No Capítulo 1, reconstitui-se o processo de expansão do capitalismo industrial que cria o mercado mundial por meio da dominação colonial, isto é, o imperialismo colonialista. Após apresentar as características fundamentais da “era dos impérios”, apresenta-se a fase imperialista neocolonialista, em que as potências industriais europeias “concedem” a independência política às suas ex-colônias, mas, para submetê-las a uma nova forma de dominação, desta vez, informal, política e econômica. Por fim, apresenta-se em linhas gerais a nova forma de dominação imperialista, o “novo imperialismo”, ou a mundialização financeira do capital. Tudo isso para contextualizar a “emergência” dos países do Terceiro Mundo e as suas origens históricas, políticas e ideológicas. Cumprida essa etapa, contextualiza-se a “emergência” do Terceiro Mundo nas (pre)ocupações políticas de Sartre, tendo em vista a elaboração do conceito de engajamento e as suas incursões políticas no Terceiro Mundo como desdobramento e concretização da sua proposta de engajamento que remonta ao segundo período do pós-guerra.

No contexto das guerras de descolonização “emergem” os países do Terceiro Mundo. Sartre escreve diversos artigos em que empreende uma crítica incisiva ao imperialismo colonialista francês e denuncia as atrocidades da guerra e a exploração da população colonizada pelos colonizadores. Assume, no seu entendimento, uma responsabilidade enquanto intelectual face à sua situação histórica concreta. A divulgação dos textos fica por conta, em parte, da revista fundada (em 1945) e dirigida por Sartre *Les Temps Modernes* que existe até hoje e por diversos outros jornais e revistas. A seu modo, Sartre se engaja na “*causa terceiro-mundista*”, passa a distribuir panfletos pelas ruas de Paris, assina manifestos (um dos mais polêmicos é o famoso *Manifesto dos 121*), prefacia livros de intelectuais como o do martiniquense e psiquiatra Frantz Fanon “Os condenados da terra”, do tunisiano Albert Memmi “Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador”, escreve sobre o pensamento político do revolucionário congolês Patrice Lumumba, enfim. Sartre ainda exorta a população francesa a dizer “não” ao Referendo de De Gaulle sobre o direito à autodeterminação dos argelinos, preside o *Tribunal Russell* que julga os crimes de guerra norte-americanos no

Vietnã, etc. Paralelamente a essas atividades, continua a publicar críticas literárias, dar entrevistas, a escrever ensaios políticos que abordam o problema do marxismo, do Partido Comunista Francês e do stalinismo.

As posições políticas de Sartre sobre a Guerra da Argélia (Capítulo 2), a sua definição de colonialismo e a revelação da subumanização do argelino pela violência colonial que se concretiza no racismo e na tortura, têm grande impacto na França. A originalidade de Sartre não está no fato de que ele tenha sido o primeiro, ou o único, a constatar a subumanização do argelino, mesmo porque não o foi, mas, consiste na radicalidade das suas posições políticas assumidas e defendidas sobre a Guerra da Argélia. Sartre procura intervir contra a guerra, divulgar suas atrocidades e propor programas políticos que visassem uma ação conjunta da esquerda, e entre o operariado francês e o campesinato argelino, em torno de uma mesma luta: o fim da exploração e da opressão capitalistas.

À época da Revolução Cubana, Sartre já está convencido do peso das circunstâncias sócio-econômicas no condicionamento das ações dos indivíduos (Capítulo 3). No entanto, e ao mesmo tempo, está convicto da irredutibilidade fundamental das ações dos indivíduos no processo histórico, o que Sartre define como liberdade. Sem considerar esta irredutibilidade, a ação revolucionária seria impossível. Eis o principal legado da Revolução Cubana, para Sartre, muito embora a sua constatação não seja novidade. O outro legado de Cuba, de acordo com Sartre, consiste em afirmar que a revolução é possível sem uma ideologia pré-estabelecida, o que exclui a necessidade de mediação do partido comunista. A contribuição fundamental de Sartre enquanto "intelectual-jornalista" está na longa série de reportagens sobre o "furacão sobre o açúcar" onde descreve o esforço cotidiano dos jovens rebeldes cubanos para edificar e consolidar a sociedade sob uma lógica "para além do capital", com destaque às conquistas da Revolução ao povo cubano, particularmente, no tocante à Reforma Agrária. As análises de Sartre e as suas descrições constituem rico manancial para o estudo da obra revolucionária cubana, ainda que nos seus anos iniciais. Sartre procura divulgar as conquistas revolucionárias cubanas não apenas para arregimentar apoio ao movimento, constantemente ameaçado de aniquilamento pelos Estados Unidos, como também para que "sirva de exemplo", sobretudo, aos países latino-americanos que sofrem a "mesma agressão imperialista", dentre os quais, o Brasil.

No Capítulo 4, analisa-se as posições políticas de Sartre sobre a Guerra da Indochina (1946-1954) e a Guerra do Vietnã (1960-1975). As duas guerras fazem parte de um mesmo processo histórico: a luta anti-imperialista em suas versões colonialista (francesa) e neocolonialista (norte-americana), respectivamente. Além de lutas anti-imperialistas, Sartre, com muitos de seus contemporâneos, caracteriza a Guerra da Indochina e a Guerra do Vietnã (assim como considera a Guerra da Argélia) como "guerras sujas", portanto, condenáveis do ponto de vista moral. No entanto, para Sartre, todas elas,

juntamente com a Revolução Cubana, têm origens econômicas.

Sartre não escreveu muito sobre a Guerra da Indochina como sobre a Guerra do Vietnã. Em contrapartida, engajou-se politicamente com todos os meios de que dispunha contra as duas agressões imperialistas. Em meio à Guerra do Vietnã e das atividades do Tribunal Russell podemos perceber que as posições políticas de Sartre *radicalizam-se*: Sartre *propõe* uma nova relação entre a política e a moral, na esteira de sua crítica da política considerada sob o ângulo da eficácia (legado) stalinista e, em meio ao Movimento de Maio de 68 e do massacre soviético da Insurreição da Tchecoslováquia no mesmo ano.

A Guerra do Vietnã e, em especial, as atividades do Tribunal Russell *radicalizam* as posições políticas de Sartre. Devemos lembrar que Sartre, à época de *Os comunistas e a paz* (1952-1954), no momento em que “dialoga fraternalmente” com o Partido Comunista Francês e participa das atividades do Congresso Mundial da Paz (1952), chegou a considerar a política sob o ângulo da eficácia. Mas é verdade também que “o diálogo fraternal” durou pouco, pois o ano de 1956 marca a primeira ruptura de Sartre com a “pátria do socialismo” após o massacre soviético da Insurreição Húngara.

A Guerra do Vietnã e as atividades desenvolvidas pelo Tribunal Russell revelam a Sartre a necessidade e a importância da inscrição da política no código da moralidade. Eis aí originalidade das posições políticas de Sartre. De acordo com Sartre, a partir da inscrição da moralidade no código da política, as “massas” poderiam avaliar e rejeitar as ações dos governos para além do critério exclusivo da eficácia. A crítica de Sartre relacionada à consideração da política sob o exclusivo critério da eficácia se dirige tanto aos países capitalistas imperialistas quanto aos países comunistas, mas com a vantagem de que estes, pelo menos, para Sartre, colocam o problema, sobre aqueles que nem mesmo chegam a cogitá-los. Sartre esclarece, porém, que a tarefa só pode partir da exigência das “massas” (que são “morais e revolucionárias”). O intelectual tem papel relevante no processo de desmistificação das “ideias que paralisam as massas” para, justamente, “despertá-las” do imobilismo. Somente as “massas” podem instituir um “verdadeiro tribunal internacional” que julgue e sancione, efetivamente, os crimes das guerras imperialistas com base em regras éticas e jurídicas.

Em suma, a Guerra da Argélia, a Revolução Cubana e a Guerra do Vietnã (re)colocam o problema da liberdade a Sartre, mas sob outras perspectivas, quais sejam, econômicas, sociais, políticas e culturais. As três revoluções também permitem a Sartre criticar certos aspectos do marxismo e a superar sua concepção existencialista de liberdade, pela *radicalização* das suas posições políticas – *tributárias do método dialético* – sobre o Terceiro Mundo.

O papel do intelectual revolucionário, para Sartre, antes de ser “fundido às massas”, e perder seu estatuto específico, traduz a sua necessidade de *intervenção* no curso dos acontecimentos históricos. Sartre empreende a *divulgação* dos crimes de guerra franceses e norte-americanos para informar

as “massas” para que elas formem sua opinião e tomem posições políticas contra as guerras imperialistas e a favor da luta de libertação do Terceiro Mundo. Não apenas a crítica, Sartre *propõe* programas destinados a resolver o problema da (des)unidade da esquerda e a revelar a “solidariedade de interesses” entre as classes exploradas europeias e as do Terceiro Mundo na edificação da sociedade socialista. Para Sartre, somente a revolução pode romper com o imperialismo (neo)colonialista, assim como apenas o socialismo pode realizar o “reino da liberdade” entre os homens. Em outras palavras, o “problema humano” – isto é, a liberdade – para Sartre, deve resolver-se em termos de produção e de relações de produção de tipo socialistas.

O resultado final da pesquisa confirmou as hipóteses de trabalho, acima apresentadas, e chegou às seguintes conclusões: a trajetória de Sartre se caracteriza pela *unidade contraditória* da sua concepção (e busca) da liberdade, anterior e posterior à Segunda Guerra Mundial. Antes da Segunda Guerra Mundial Sartre procura definir a liberdade do ponto de vista teórico-filosófico, isto é, no plano ontológico, portanto, abstrato e individual. Depois, a sua concepção de liberdade, sob o “impacto da História” – da Guerra da Argélia, da Revolução Cubana e da Guerra do Vietnã – passa a ser definida no plano político-histórico, portanto, concreto e coletivo. Durante a Segunda Guerra Mundial, Sartre começa a pensar que não é algo que falta ao indivíduo e que o condena a ser livre, mas que algo falta à sua concepção de homem e de liberdade, isto é, a responsabilidade do homem pelos seus atos. Esse problema ético colocado por Sartre à sua filosofia à época da Ocupação, mas inconcluso, dadas as contradições da sua própria definição de liberdade, é novamente posto à época da Guerra da Argélia, da Revolução Cubana e da Guerra do Vietnã, quando Sartre procura defini-la, desta vez, sob os aspectos econômico (como independência), social (como justiça e igualdade), político (como soberania e democracia) e cultural (como humanização).

Sartre não tem dúvidas em concluir: a agressão imperialista é imoral, pois impossibilita ao homem desenvolver-se humanamente. Os agressores devem, pela agressão imperialista, ser responsabilizados e sancionados. Sartre, nessa esteira, afirma: o “homem é possível”, contradizendo a sua ideia ontológica de que o “homem é uma paixão inútil”. Em outras palavras, a liberdade humana é possível, como o provam as revoluções do Terceiro Mundo que se inscrevem no socialismo.

As suas posições políticas devem ser *explicadas* tendo-se em vista, por um lado, o malogro da revolução socialista na própria Europa (em parte responsável pela própria estratégia stalinista de contenção e da consolidação da revolução socialista “num só país” e da subsunção dos partidos comunistas europeus a Moscou) e, por outro lado, o novo horizonte histórico revolucionário tricontinental delineado pela Guerra da Argélia, pela Revolução Cubana e pela Guerra do Vietnã. As posições políticas de Sartre devem ser *compreendidas*, no entanto, na esteira do seu diálogo (“necessário e

impossível”) com os comunistas e da sua adoção do método (marxista) dialético na análise da realidade social do Terceiro Mundo. De fato, a emergência do Terceiro Mundo nas (pre)ocupações políticas de Sartre é precedida pela sua “descoberta” do marxismo, cujo método será por ele utilizado na investigação dos problemas coloniais. A sua análise da Negritude já explicita essa tentativa, ainda que problemática. Por outro lado, a aplicação desse método de análise em “O colonialismo é um sistema” (1956) obtém sucesso. Se Sartre afirma: “julguei sempre que as ideias se desenham nas coisas e que já estão no homem, quando ele as desperta e as exprime para explicitar sua situação”, isto permite pensar, portanto, seu posicionamento político de acordo com a luta de libertação do Terceiro Mundo. As posições políticas de Sartre têm como eixo fundamental o problema da liberdade em suas mais diversas manifestações e situações econômicas, sociais, políticas e culturais. Sartre visita vários países europeus, africanos, asiáticos e americanos, dos Estados Unidos ao Brasil, da Itália à Rússia, da China ao Japão, de Israel ao Egito, sempre com o propósito de defender a liberdade. No entanto, a partir do segundo período pós-guerra, o Terceiro Mundo se torna o centro das (pre)ocupações políticas de Sartre que se engaja na condenação das guerras da Argélia e do Vietnã e na defesa da Revolução Cubana contra os imperialismos francês e norte-americano.

A importância fundamental de Sartre e de suas posições políticas consiste na sua *intervenção* no curso dos acontecimentos históricos, como foi o seu apoio à insubmissão e deserção dos soldados franceses à época da Guerra da Argélia, na *divulgação* de informações sobre os desaparecidos sob as ditaduras e das atrocidades das guerras e da tortura que objetivava sensibilizar a opinião pública norte-americana contra a Guerra do Vietnã, na *proposição* de ações concretas para a unidade da esquerda. Isso tudo pode ser resumido numa só tarefa: a informação para a “instrução” das massas, isto é, o esclarecimento do povo no sentido de mostrar que a transformação da sociedade é tanto possível quanto necessária. A Revolução Cubana concretiza essa possibilidade e a Guerra do Vietnã insiste na sua necessidade.

Mas para o intelectual o problema continua sendo um pouco diferente. Como o intelectual pode converter-se no povo? Para Sartre, os intelectuais até podem encontrar seus “paraísos”, ou a “realização de suas filosofias”, mas seguem tendo “sua consciência infeliz” que inclusive é a garantia de sua “não alienação”, ou, sua garantia de compromisso para com a verdade, onde quer que ela esteja. Mas com qualquer verdade? Não. Para Sartre, o critério de estabelecimento da verdade consiste em (re)conhecer sempre o lado do “mais deserdado”, que possui o ponto de vista da universalidade. Diante da verdade, duas escolhas possíveis para Sartre: a resignação ou a revolução, o conformismo ou a transformação, posicionar-se politicamente ao lado do opressor ou ao lado do colonizado, da sociedade capitalista ou do socialismo.

Nota

* Doutor, mestre e graduado em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), FCL de Assis. E-mail: rodralvida@yahoo.com.br.

Recebido em: junho de 2010.
Aprovado em: outubro de 2010.